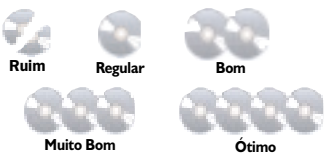


LANÇAMENTO

C O T A Ç Õ E S



REPRODUÇÃO

SÃO BONITAS AS CANÇÕES
*** MARIANNA LEPORACE E SHEILA ZAGURY**
A cantora Marianna Leporace e a pianista Sheila Zagury gravaram parcerias de Edu Lobo e Chico Buarque compostas para teatro, neste disco, que reúne algumas das mais belas jóias da MPB, como *Valsa Brasileira*, *Beatriz*, *Na Carreira do Divino* e *Choro Bandido*. São interpretações corretas de voz, piano e outros instrumentos de apoio, em arranjos que respeitam as bonitas melodias criadas pelos dois mestres. **(CA)**



REPRODUÇÃO

GENTE & TERRAS GERAES
*** IDELFONSO "DÊ" VIEIRA**
Marchinhas, serestas e sambas-canções são alguns dos gêneros encontrados no CD de estréia do compositor e músico mineiro, que faz uma homenagem aos tipos populares da sua terra, Guidoval. Com arranjos e direção musical de Geraldo Vianna e interpretação de Eleny Galvan e Paulo Loureiro, o disco remete o ouvinte a uma Minas antiga e seresteira, mas que também pode dar samba, como é o caso. **(CHL)**



REPRODUÇÃO

PRIMEIRO
*** SYLVIO ROSA**
Carioca, criado em Brasília até 67 e mineiro residente desde 83, o autodidata Sylvio Rosa estréia confessando influências de Djavan, João Bosco e Caetano, mas revelando semelhanças com Marku Ribas, Edson Aquino e boa parte da música mineira dos anos 70. O cantor precisa diminuir aqui e ali a impostação, mas o compositor apresenta idéias claras e desenvolvidas com lógica. O conjunto tem o sotaque das coisas bem resolvidas. **(KF)**



REPRODUÇÃO

MARROM SOCIETY
*** MARROM SOCIETY**
O grupo existe há dois anos e só agora consegue lançar seu primeiro CD. Decepçona. Subproduto da *axe music*, não apresenta nada de novo em relação ao que já se conhece do gênero, com construções rítmicas e melódicas carentes de originalidade, letras vazias e repetitivas, em preciosidades do tipo *Vem de Ré Pra Mim*. No fundo, não passa de cópia barata do fraquíssimo Terrasamba. **(MS)**



REPRODUÇÃO

OS KMARADAS
*** OS KMARADAS**
No *releash* da gravadora, sobra modéstia: "Nós, dentro desse estilo inovador que estamos lançando, o *hip-rock* (sic), tentamos passar mensagens positivas para as pessoas". Mas que raio de inovação é essa que simplesmente joga no mesmo saco os mais manjados achados de Charlie Brown Jr, Pavilhão 9 e Planet Hemp? Como diria aquele clone do FHC da turma do Caseta & Planeta: "assim não pode, assim não dá" ... **(AGCD)**

DISCOS

ÁLBUM COM FAIXAS INÉDITAS DE NAT KING COLE MOSTRA O GRANDE MÚSICO DE JAZZ QUE HAVIA POR TRÁS DO CANTOR ROMÂNTICO

HOMEM DE DUAS CARREIRAS

JOÃO PAULO

Nat King Cole, o *pop singer* de *Mona Lisa*, *Unforgettable* e *Nature Boy*, foi um dos maiores pianistas de jazz dos anos 40 e líder de um trio que, até hoje, é uma influência decisiva na música norte-americana. Num certo sentido, pode-se dizer que o sucesso atrapalhou Nat King Cole, pelo menos quando se pensa no reconhecimento de sua arte. A crítica sempre o considerou um gênio, o público o adorava, mas o que ficou, depois de sua curta existência – ele morreu com 48 anos, em 1965 – foi a imagem de um cantor meio adocicado, com um repertório de canções banais.

O recém-lançado álbum *Night Lights* é uma boa amostra da arte de Nat King Cole, desta vez sem seu trio, acompanhado de orquestra dirigida por Nelson Riddle. O disco traz nada menos de 12 canções inéditas, gravadas em 1956, entre elas *I Got Love*, *Believe* e *The Way I Love You*. Quatro canções fazem parte do musical *Strip For Action*, de Jimmy McHugh: *Mr. Juke Box*, *Dame Crazy*, *Too Young To Go steady* e *Love Me As Though There Were No Tomorrow*.

O disco dá uma visão completa do talento de Nat King Cole. Como cantor de músicas românticas ele está mais charmoso que nunca, o acompanhamento orquestral é forte, inventivo, variando apoios de cordas

e sopros, e contando com o recurso expressivo de coral masculino. Os arranjos possibilitam ainda a audição de solos límpidos de piano.

A passagem do trio instrumental para o conjunto que ganhou fama com *standards* é um capítulo da música contemporânea. Para uns, foi resultado da necessidade de público, que levou à diluição da carga musical do trio. A lenda conta que, em 1940, Nat cantou para atender a um bêbado num clube e nunca mais deixaram que calasse sua voz de veludo. O certo é que, muitas vezes, ele se diluiu, mas sempre que havia oportunidade fazia brilhar novamente seu gênio. Ele cantava como quem toca piano, seguro das pausas, dos efeitos e da fluência melódica que possuía.

A influência de Nat Kng Cole atravessou décadas. Hoje, pelo menos dois dos trios mais prestigiados do jazz têm nele sua inspiração. Diana Krall, também pianista e cantora, apostou na mesma formação de trio, sem bateria, formado por piano-guitarra-baixo – sua paixão pela música de Cole levou-a a gravar um disco, *All for You*, totalmente dedicado ao Nat King Cole Trio. John Pizzarelli é outro músico que apostou na mesma formação, com uma guitarra suave e um canto que são vedadores do trio de Nat. A elegância não sai de moda.



REVISTA O CRUZEIRO

GÊNIO
Nat King Cole era muito mais que um cantor adocicado, com um repertório de canções banais

A BOSSA DE TODO O MUNDO

MÁRIO SÉRGIO

Formação multinacional baseada na Itália, a banda Bossa Nostra está lançando seu segundo álbum, o primeiro distribuído no Brasil. *Kharmalion* é fruto de uma mistura de sons de diferentes etnias, reunidas sob o patrocínio do instrumentista Stefano Carrara. No caldeirão musical do grupo, a base poderia ser a tal bossa, mas não. O que domina é um acento jazzístico, reforçado com temperos da *soul music*, *funk* e ritmos latinos, incluindo, aí sim, o samba brasileiro.

A música do Bossa Nostra é pulsante, mas cheia de sutilezas. Uma levada pop contribui para que ela possa facilmente invadir as pistas de dança, especialmente as européias, onde o chamado *acid jazz* e as batidas da *world music* são muito populares. A proximidade com a música brasileira é evidente, e influenciada não apenas pela admiração confessa de Carrara por Tom Jobim. A vocalista do grupo é daqui da terra, apesar do sobrenome chicano: Bruna Lopez.

Autora ou co-autora de três

das melhores canções do CD (a batucada *Apocalypse*, o sambacção *Inverno* e a salsa-mambo *Chico Desperado*, com letra em espanhol), Bruna certamente foi a responsável pela inclusão no repertório da canção *Serrado*, do alagoano Djavan, aqui numa versão ainda mais *funk* que a original e com direito a um solo de violino de Carrara. Esta é ainda uma das duas *covers* escolhidas pelo Bossa Nostra, que recria com muita originalidade o clássico *Maiden Voyage*, de Herbie Hancock, logo na segunda faixa do álbum.

Com um vasto arsenal percussivo, teclados que remetem àqueles órgãos típicos dos anos 50-60 e guitarras que não recusam os efeitos quando necessário, o Bossa Nostra também capricha nos arranjos de cordas e metais, preferindo o formato instrumental em sete das 14 faixas do CD. Entre uma e outra, muitas intervenções com recortes do que se supõe serem ensaios e batepapo de coxia, *samples* e ruídos indecifráveis e até mesmo uma pequena obscenidade em claro e bom português.



NICOLA CASAMASSIMA

PANELINHA
Bruna e seus amigos italianos fazem música de qualidade

O DJ ROGER MOORE BOTA PRA QUEBRAR

ARTHUR G. COUTO DUARTE



NINO ANDRES

Principal piloto das *pick-ups* que faziam de cada noite da extinta Broadway um evento especial, no início dos anos 80, o DJ Roger Moore (foto) sempre foi uma das figuras mais simpáticas e competentes do circuito *dance* das Gerais. Sem pretensão, mas sabidamente detentor dos segredos que fazem o futuro pulsar nas profundezas do *underground*, ele aparece com um disquinho auto-produzido de baixo do braço, logo disparando sem rodeios: "Pode Quebrar".

Sim, *Pode Quebrar*, seu merecido trabalho de estréia, tem linhas abissais de baixo, levadas e batucadas taquicárdicas, aclimações oníricas, viradas desconcertantes, o escambau. Em essência, é *drum'n'bass*, mas se o som que faz pudesse ser desconstruído pedaço por pedaço, haveria de se encontrar neste estilo musicais diversos, do *funk* ao *hip hop*, do samba às manifestações folclóricas da MPB.

Revelando insuspeitada veia de compositor, Roger formulou seis faixas nas quais experimentações rítmicas oriundas de outros projetos se viram investidas de arranjos, texturas e timbres que vão além da nucleada batida, da informação digital. Resultado: ao equilibrar de forma natural elementos orgânicos com as possibilidades tecnológicas, coisas como *Bicho Lixo* (com voz de Alexandre Cardoso, do Berimbrown) e *Pinica, Mas Vai* (insuflada por diálogos extraídos da série de documentários *Música do Brasil*, de Hermano Vianna) parecem mais canções que meras programações.

E ainda que ele não pareça interessado em fazer pronunciamentos político-culturais, o que é a sua releitura para o clássico *Berimbau*, de Vinícius de Moraes e Baden Powell, senão a afirmação do sotaque brasileiro – diga-se de passagem, com uma ajuda e tanto da cantora Alda Resende – na babelica cena eletrônica mundial? Num gênero que evolui e se transforma tão rapidamente quanto suas próprias batidas, *Pode Quebrar* bate com força à porta do tempo, anunciando mudanças.